

OPINIÃO

EDITORIAL

Sobre as enxurradas e as redes sociais

Ribeirão Preto voltou a assistir, mais uma vez, ao mesmo roteiro previsível: chuva forte, córregos transbordando, avenidas transformadas em rios, carros ilhados, comerciantes contabilizando prejuízos e famílias limpando lama dentro de casa. A cada temporal, a cidade parece surpreendida por algo que, há anos, deixou de ser exceção e passou a integrar o calendário.

Não se trata de fenômeno inesperado. Os episódios de enchentes são recorrentes, mapeados, conhecidos. Pontos críticos como as marginais e regiões próximas a cursos d’água já foram amplamente diagnosticados por técnicos e relatórios. O que falta não é informação — é ação concreta, planejamento consistente e execução continuada de obras estruturais.

Macrodrenagem não rende fotografia vistosa nem cabe em vídeo de trinta segundos. Exige projeto, recurso, cronograma e, sobretudo, prioridade política. Dessassoreamento periódico, ampliação de galerias, contenção de margens, fiscalização de ocupações irregulares e combate à impermeabilização descontrolada do solo são medidas técnicas que precisam sair do papel. Sem isso, cada verão será apenas a repetição do anterior, com danos cumulativos.

A cidade cresceu, verticalizou-se, asfaltou-se. O solo que antes absorvia água hoje a repele. O resultado é óbvio: a água corre mais rápido, em maior volume, e em contra gargalos antigos. Quando o poder público não acompanha essa transformação com infraestrutura adequada, transfere o custo para a população — que paga duas vezes: em impostos e em prejuízo.

É preciso também romper com a lógica reativa. Não basta mobilizar equipes após o estrago consumado. Defesa Civil, secretarias e forças de apoio cumprem papel importante no socorro imediato, mas gestão pública não pode se resumir a administrar crises. Governar é prevenir.

Enquanto isso, o debate público se dispersa em transmissões ao vivo, postagens indignadas e troca de acusações nas redes sociais. A internet amplifica imagens dramáticas, mas não constrói piscinões, não amplia galerias e não reorganiza o uso do solo. Curtidas não drenam água.

Ribeirão precisa de menos discurso e mais obra. Menos explicação e mais execução. A chuva não é novidade. A omissão também não pode continuar sendo. Redes sociais não resolvem enchente — planejamento e ação, sim.



OPINIÃO DO LEITOR

Beira o absurdo que a cidade de Ribeirão Preto seja obrigada a ficar semanas sem a coleta de lixo. E que os trabalhadores da Estre ganhem tão pouco!

Juarez Taveira, Jardim Castelo Branco Novo

NOVAS IDEIAS

De olhos bem fechados

LUIZ RUFINO*



Stanley Kubrick, em 1999, entregou De Olhos Bem Fechados — um filme perturbador em que o médico Bill Harford tenta se infiltrar numa mansão onde a entrada exige uma senha: Fidelio. Bill não foi convidado; apenas descobre a palavra e se arrisca. Ela não significa só “quem sabe entra”, mas “quem foi autorizado a saber existe”. E o ritual, ali, não é encenação: é liturgia. Há um mundo acima do mundo, com regras próprias que não são simbólicas — são práticas. Kubrick atira essa ironia na nossa cara: um bilhete passado por baixo da porta, confissão cifrada sobre o que realmente move o poder moderno.

O problema é que, por trás da senha e das máscaras, mora a velha engrenagem do contrato que prometeu proteção em troca de obediência. Idealistas ou liberais tentaram nos convencer que a soberania nasce do povo; mas o Estado moderno nunca deixou de ser truculento: aprendeu a ser polido, técnico, inevitável.

Maquiavel, o profeta do avesso, já tinha avisado: uma vez dentro do labirinto, a regra muda. O príncipe — leia-se o Estado — obedece a uma lógica própria, uma inversão fria da moral que jurava domesticá-lo. Onde havia Deus, entrou a natureza humana, o que ele chamava de realismo. Onde havia Providência, entrou a fortuna, roleta que premia os espertos. Onde havia Virtude, entrou a virtù, a capacidade de parecer virtuoso enquanto se pratica o vício. Onde havia Verdade, entrou a eficácia, alibi dos canalhas. O resultado é sempre o mesmo: um Estado absoluto, sem freio moral, devorando Igreja, comunidades, associações, tradições.

Mas há algo mais sombrio. Os cultos a Moloch, Baal e o Minotauro não morreram; trocaram o bronze incandescente pelo terço de grife e pelo sigilo. Moloch exigia crianças em altares de fogo; Baal canalizava a violência através de rituais de fertilidade e sacrifício humano; o Minotauro, no centro do labirinto, devorava jovens enviados como tributo. Não era religião inocente: era política crua. Sacrifício em troca de ordem. Pavor em troca de estabilidade. E o Estado moderno? Continua exigindo tributo, só que sem altares visíveis. Jovens são moídos em guerras em nome da “defesa nacional”. Crianças desaparecem no labirinto do tráfico humano, e as instituições que juram protegê-las preferem discutir estatísticas, criar comissões, emitir notas oficiais.

O Estado-babá, versão secularizada de Baal, prometeu embalar o cidadão em troca da alma. E Epstein — sacerdote do submundo — foi o instrumento perfeito dessa ressurreição maquiavélica. Utilizava a fraqueza humana como moeda: o vício, a luxúria, a perversão. Suas festas funcionavam como máquinas de chantagem: presidentes, príncipes, bilionários eram colocados em situações comprometedoras, fotografados, registrados. Uma vez dentro, não podiam sair sem se auto-incriminar. O silêncio virava prisão. Epstein não precisava de ameaças explícitas; a própria vergonha e o medo faziam o trabalho. Eis o que liga o caso ao coração do Estado moderno: a suspeita persistente de que Epstein foi cooptado — ou mesmo membro — de agências secretas. Porque ali funcionava a virtù pura: a capacidade de manter os poderosos prisioneiros de seus próprios desejos, transformando-os em reféns permanentes de um sistema que vivia de segredos sujos. Se há um poder que vive de informação, vive também de chantagem. Nada é mais eficaz do que tornar o poderoso refém de si mesmo.

O labirinto do Minotauro agora é uma teia invisível de cumplicidade, corrupção e silêncio. A engrenagem funciona porque o medo e o dinheiro comprem testemunhas e juízes. E Kubrick? O homem que nos soprou a senha? Quatro dias depois de entregar a versão final do filme, seu coração parou. Um infarto fulminante. A morte súbita é a censura perfeita: não faz barulho, não deixa bilhete, não pede desculpas. No filme, Bill Harford recebe um envelope com o aviso: “Desista de suas perguntas. Esperamos que seja o suficiente.” A mensagem não era para ele. Era para nós. Kubrick arrancou do Minotauro a máscara dourada; mas o círculo mágico não se desfez — a roda apenas se fechou, as velas foram reacendidas, e o culto continuou, ainda mais zeloso com uma lei simples: entrar é possível; sair, jamais.

*Professor e cientista político

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão

Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

Banca Tibiriça - R. Tibiriçá, 600

Banca do Denis - R. Otavio Golfeto, 326

Banca Saudade - Av. Saudade S/N

Banca Paulista - Av. Independência, 1680

Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N

Banca Balleiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão

Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N

Banca Solange - Av Pres. Vargas, 25 - Esq. Av R. Nove De Julho

Banca Camões - Praça Camões S/N

Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800

Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão

Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma

Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575

Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588

Banca Sete de Setembro - Praça

Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431

Banca Ofício Center - Av Portugal, 1760

Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395

Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N

Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cenri, 425

Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)

Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)

JORNAL RIBEIRÃO

SKY COMUNICAÇÃO E EVENTOS LTDA
cnpj 12.884.377/0001-30
www.JORNALRIBEIRAO.COM.BR

REDAÇÃO:

Av. Eduardo Gomes de Souza, 766 - S/4
City Ribeirão - Ribeirão Preto/SP
CEP 14021-540

Editor-chefe: **Eduardo Schiavoni**
Editor adjunto: **Beatriz Camargo**
Editor de arte: **Daniel Torrieri**

Contato:

redacao@jornalribeirao.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR:
(16) 99173-3980
Acesse pelo QRCode >

Departamento Comercial:

comercial@jornalribeirao.com.br

Material noticioso e fotográfico fornecido pelas agências de notícias Estado, Brasil, France-Press, Reuters, pela equipe de correspondentes e pelos colaboradores.

O Jornal Ribeirão não se responsabiliza por conceitos ou opiniões emitidos em colunas ou artigos assinados.